

MANGANELLI “POSFACIADO” NO BRASIL

ANDREA SANTURBANO*

RESUMO: É sabido como o escritor italiano Giorgio Manganelli (1922-1990) amava escrever para seus livros orelhas e contracapas que, de alguma forma, dialogavam e integravam o próprio texto. Já em dois dos seus três livros traduzidos no Brasil – *Hilarotragoedia* (Imago, 1993) e *Centúria* (Iluminuras, 1995) –, encontram-se prefácios e introduções, sendo reposicionados ou parcialmente omitidos os *peritextos*, de acordo com a definição de Genette, originais. Este artigo, portanto, pretende analisar a diferente articulação dos paratextos nas edições traduzidas, a fim de refletir sobre as estratégias pensadas para a recepção no Brasil de um autor, sem dúvida, de difícil acesso.

PALAVRAS-CHAVE: Giorgio Manganelli; paratexto; *Hilarotragoedia*; *Centúria*; literatura traduzida.

ABSTRACT: È risaputo che lo scrittore italiano Giorgio Manganelli (1922-1990) amava scrivere per i suoi libri risvolti e quarte di copertina che, in certo modo, dialogassero e integrassero il testo. Due dei suoi tre libri tradotti in Brasile - *Hilarotragoedia* (Imago, 1993) e *Centúria* (Iluminuras, 1995) – presentano prefazioni e introduzioni, mentre i peritesti originali sono spostati o parzialmente omessi. Questo articolo si propone perciò di analizzare la diversa articolazione dei paratesti nelle edizioni tradotte, allo scopo di riflettere sulle strategie pensate per la ricezione in Brasile di un autore di difficile accesso.

PAROLE CHIAVE: Giorgio Manganelli; paratesto; *Hilarotragoedia*; *Centuria*;

* Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (Brasil) - andreasanturbano@gmail.com
Processo n.2013/20971-0 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)



letteratura tradotta.

ABSTRACT: *It is known how the Italian writer Giorgio Manganelli (1922-1990) appreciate to write his back covers books that somehow dialogued and integrated the text itself. Already in two of the three books translated in Brazil - Hilarotragoedia (Imago, 1993) and Centúria (Illuminuras, 1995) – there are prefaces and introductions repositioned or partially omitted the peritextos, according to the Genette's, originals. This article therefore aims to analyze the different articulation of paratexts in translated editions in order to reflect about the strategies designed for the reception in Brazil of an author undoubtedly difficult to access.*

KEYWORDS: *Giorgio Manganelli; paratext; Hilarotragoedia; Centuria; translated literature.*

“Este livrinho que ora se apresenta é mais propriamente um tratado, um pequeno manual teórico-prático, que não destoaria ao lado de um Dicionário de Vinhos de Borgonha, ou de um Guia dos Floricultores...” Com estas modestas palavras, publicadas anonimamente no texto da orelha da primeira edição, Giorgio Manganelli introduzia sua Hilarotragoedia aos desavisados leitores de quase trinta anos atrás. (MANGANELLI, 1993)

E com estas palavras se abre a orelha da primeira tradução brasileira, em 1993, de *Hilarotragoedia*, de Giorgio Manganelli, com tradução de Nilson Moulin, apresentação de Andrea Lombardi e posfácio do mesmo Nilson Moulin. O texto dessa orelha, que cita o anonimato da orelha original, também é anônimo, além de parcial, pois só reproduz o trechinho acima referido. A escolha editorial da edição brasileira, com efeito, optou por preencher o espaço duplo das orelhas da capa com uma descrição e comentário da obra, além de uma pequena nota biobibliográfica sobre o autor. Cabe, contudo, uma correção: o texto em questão não era “da orelha” na edição original (Feltrinelli 1964), mas sim um marcador de página (“uma prática em vias de extinção, e sem dúvida também por motivos econômicos”, lembrava Genette uns anos atrás [2009, p. 32]). É só na edição italiana publicada pela Adelphi, que começa a reeditar o livro

em 1987, que essa apresentação passa a fazer parte da orelha. Outra anotação, menos técnica e mais propriamente crítica, diz respeito àquelas “modestas palavras” atribuídas a Manganelli, que não faz jus ao tom evidentemente irônico usado pelo autor. Melhor seria, de acordo com J. Rodolfo Wilcock, falar em “altiva modéstia”, destacando, ainda, um aspecto bem característico em Manganelli:

Landolfi, è solito fare stampare in bianco i suoi risvolti di copertina. Attento alla stessa precauzione, non volendo forse imitare Landolfi, Manganelli preferisce scriversi da sé tali risvolti, pur badando a non dire in essi niente, tranne l'espressione della propria altezzosa modestia. (WILCOCK, 2006, p. 233)

De fato, é sabido como o autor natural de Milão gostasse de integrar o texto de seus livros com paratextos de sua autoria (não certamente corriqueiros, mas sim destoantes, irônicos etc.), infringindo assim aquele que era – e ainda é – o padrão mais sério e “institucional” das editoras. Nessa linha e para legitimar esse gesto tão peculiar de Manganelli, é possível citar outro exemplo de textos da orelha – que, inclusive, apresentam uma espécie de interessante metalinguagem ou “mise-en-abîme” dos próprios paratextos. É o caso de *Nuovo commento* (1969):

Vorremmo suggerire al lettore di considerare il libro in cui s'imatterà poco oltre in primo luogo come un supporto per copertina; destino oggidì non infrequente, e forse non deplorabile, giacché è arcaica saggezza che l'eloquenza delle lapidi d'assai migliori i lineamenti degli elusivi meschini sottostanti. (MANGANELLI, 1989, p. 148)

Ora, já existe uma discreta literatura sobre os “risvolti” manganellianos, embora eles aqui nos interessem menos pelo conteúdo do que pela função que exercem em relação ao conjunto do livro. Com efeito, são partes integrantes da trama textual do livro (assim como as capas, pelo menos as das primeiras edições, concordadas com o autor) e chegam a configurar quase um

gênero em si, corroborando para as discussões que subjazem ao conceito de paratexto, desde sua primeira definição dada em 1981 (*Palimpsestes*) por Gérard Genette. Nesse sentido, para Manganelli, elementos como nome do autor, título, prefácio, ilustrações etc., que “cercam e prolongam” (GENETTE, 2009, p. 9) essa tessitura propriamente dita, devem ser considerados, sem dúvida, parte do próprio texto. Toda a atenção dada pelo autor italiano à produção de seus livros, por outro lado, com o passar dos anos, ficou fragmentada. E essa cadeia já foi se desfazendo nas reedições italianas, como aponta Giorgio Agamben a respeito de *Nuovo commento*:

Adelphi è un editore che ha certamente molti meriti e, tuttavia, nel caso di Manganelli, si è mostrato privo di scrupoli, togliendo dai libri che ripubblicava i risvolti d'autore che, come tutti i lettori di Manganelli sanno, ne erano parte integrante, per raccoglierti poi in un volume a parte!¹¹ [...] per la riedizione di Nuovo commento, ha sentito il bisogno di riprodurre in una speciale appendice tanto il risvolto che l'illustrazione di copertina dell'edizione originale, cui il risvolto si riferisce e che rappresenta, nelle parole dell'autore, una immobile esplosione alfabetica di lettere, ideogrammi e simboli tipografici, di cui il libro sarebbe il supporto o il commento. (AGAMBEN, 2014, p. 88-89)

Diante de tais colocações e voltando mais especificamente para *Hilarotragoedia*, vale resumir e fazer uma comparação entre o peritexto (ou seja, segundo Genette, o paratexto que se encontra materialmente anexado ao livro) da tradução brasileira, realizada pela Imago editora, e da edição italiana que serviu como base para a tradução, a da Adelphi de 1987. Partindo desta última, o “risvolto”, originariamente marcador de página, é colocado na orelha da capa, desta vez assinado, enquanto que na orelha da contracapa é presente uma explicação de como o texto aparecia quando da publicação da primeira edição, em 1964, isto é: “*sottoforma di anonimo segnalibro*”. A pergunta é: como dar conta para o leitor brasileiro desse intrigante jogo

1 [NdA] Na verdade, não parece completamente pertinente essa colocação, pois os “risvolti” manganelliani foram publicados, “a parte”, pela Rizzoli, em *Antologia privata* (1989), com o autor ainda vivo. O livro acaba de ser reeditado pela Quodlibet (Macerata 2015).

manganelliano? A versão da editora Imago traz na orelha da capa, como já antecipado no início, apenas uma citação do paratexto manganelliano, apressando-se em explicar, equivocadamente, de que se trata da orelha da primeira edição italiana. E continua com uma descrição da obra, que prossegue na segunda orelha incluindo a citação de uma resenha de Roberto Calasso e elogios tanto à tradução de Nilson Moulin (definida virtuosística) quanto à apresentação (“esclarecedora e não menos bem-humorada”) de Andrea Lombardi.² Completa a orelha uma breve nota biobibliográfica sobre o escritor. Já na contracapa, é citado um pequeno trecho da obra.

Uma primeira reflexão que já pode ser feita é a de que a editora brasileira, assim como a Adelphi, não preservou as soluções autorais, e por conseguinte cabe pensar como Manganelli, nessa obra “de estreia” no Brasil, é apresentado ao público e quais as referências usadas nessa tentativa de inserção. *Hilarotragoedia* é uma obra árdua, semanticamente complexa, sem enredo e personagens definidos, como bem sabem os leitores de Manganelli. Lombardi apressa-se a incluir no discurso Dante Alighieri, para depois pautar sua interpretação da obra a partir de afinidades com Gadda, Beckett, dentre outros, perpassando por algumas resenhas críticas italianas e fornecendo dados sobre o escritor e sua produção. Já no posfácio, intitulado “Sobre a tradução: inventariando perdas e danos”, Nilson Moulin discorre bem-humoradamente sobre a tarefa do tradutor, em particular ao se deparar, como no caso em questão, com um autor cuja tradução representa um verdadeiro desafio.

Dois anos depois, em 1995, é traduzido um segundo livro de Manganelli, *Centúria* (*Centuria*, 1979, Premio Viareggio), editado pela Iluminuras de São Paulo, com tradução, nota de tradução e posfácio de Roberta Barni. Não falta, de novo, um paratexto autoral, que na edição brasileira ocupa a contracapa do livro. É interessante ressaltar que a edição Adelphi (que começa a ser editada em 1995) conserva esse texto nas orelhas, enquanto a edição original da Rizzoli (1979) hospedava o mesmo peritexto justamente na contracapa. Peritexto que é assim comentado no posfácio de Roberta Barni, “A propósito de Manganelli”: “A melhor e impagável explicação sobre esse fenômeno talvez esteja contida no texto que o autor escreveu originariamente para a contracapa do livro, quase uma apresentação, que reproduzimos nesta edição” (BARNI, 1995, p. 213).

Barni, como dito, assina também uma nota de tradução inicial, em que, similarmente a Nilson Moulin em *Hilarotragoedia*, ressalta a inutilidade de discutir acerca do conceito de fidelidade,

2 Esperamos que não passe de uma brincadeira, embora de difícil compreensão para um leitor desprevenido, a informação aqui colocada de que Manganelli passou boa parte de sua vida em Kuala Lumpur, na Malásia!

sobretudo no caso de Manganelli, o qual faz um uso nada convencional da língua.

Para completar o quadro, cabe lembrar o terceiro livro do autor traduzido no Brasil, *Pinóquio: um livro paralelo*, publicado pela Companhia das Letras em 2002, com tradução de Eduardo Brandão. A falta de qualquer pré ou posfácios ou de notas nessa edição pode ser justificada pelo motivo de não sobrecarregar excessivamente uma obra tão peculiar, que já é, em si, uma re-escritura livremente comentada de um clássico.

A análise do sistema paratextual dessas traduções, em particular das primeiras duas, permite finalmente esboçar algumas reflexões que não querem nem podem ser definitivas. Uma primeira diz respeito à importância, muito além do que acontece habitualmente, a ser atribuída ao livro como um todo, e não apenas ao texto traduzido. A relação que intercorre entre o emaranhado de texto e paratexto envolve escolhas, estratégias, que vão bem além daquilo que é considerado “o livro” traduzido. Difícil dizer o quanto isso reflita na percepção do leitor, seja ele atento ou desprevenido, especialista ou simples curioso. Resta observar que a apresentação do autor se deu principalmente em função de uma tradição consolidada (Dante, no primeiro caso, Boccaccio e o *Novellino*, no caso de *Centúria*): necessidade real e inevitável (inconsciente?) de críticos e tradutores, especialistas em italianística, a de se atrelar a um cânone mais reconhecível?

Outra reflexão contempla o “acompanhamento” proporcionado a Manganelli ao passar de um sistema literário para outro, que de qualquer forma pretende amenizar a estranheza provocada pela sua escrita, em termos linguísticos e diegéticos. Dessa forma, os próprios paratextos manganellianos, parte integrante do texto, recebem um tratamento diferenciado, são de alguma forma isolados e explicados, disjuntos do corpus do livro como um todo. Como bem lembra Walter Benjamin na *Tarefa do tradutor*, as traduções dialogam com as “pervivências” do texto (BENJAMIN, 2011, p. 104), não mais com sua expressão originária (e aliás, nas próprias reedições italianas, fontes prováveis dessas traduções brasileiras, encontramos peritextos explicativos, contrariamente à vontade do autor). É possível, então, se perguntar se uma tradução mais “contemporânea” de Manganelli teria sido diferente; ou se em vinte, quarenta anos um autor ganha inevitavelmente o direito a florilégios, mesmo se indesejados, perdendo a obra parte de sua “aura” semântica? Fica claro, todavia, que a concepção de que a obra seria exclusivamente o corpus do texto narrativo ou poético ainda está muito enraizada, e faz-se urgente repensar o tratamento destinado a autores, como Giorgio Manganelli, cujo jogo paródico envolve a própria ideia de livro, de linguagem, de texto, de espaço enunciativo e referencial. Não esquecemos que obras como *Nuovo commento* ou *Pinóquio: um livro paralelo* põem em xeque toda uma cadeia

convencional, fazendo do paratexto, quer de um comentário paradoxal sobre um texto que não existe quer de um texto literário canônico, o motor da escrita.

Referências

- AGAMBEN, G. *Il fuoco e il racconto*. Roma: Nottetempo, 2014.
- BARNI, R. Posfácio. In MANGANELLI, G. *Centúria*. Trad. R. Barni. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. In *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Trad. S.K. Lages e E. Chaves. São Paulo: Editora 34/Livraria Duas Cidades, 2011.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Trad. A. Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- MANGANELLI, G. *Antologia privata*. Milano: Rizzoli, 1989.
- MANGANELLI, G. *Hilarotragoedia*. Trad. N. Moulin. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- WILCOCK, J. R. L'enigma del pendolo. In BELPOLITI, M.; CORTELLESSA, A. (orgs.), *Riga*, 25, Milano, Marcos y Marcos, 2006.

Recebido em 15/02/2017

Aprovado em 20/05/2017